

ROBERTA SPINDLER

A TORRE ACIMA DO VÉU



São Paulo, 2014

PRÓLOGO

A cidade uivava. Os gritos de desespero ecoavam pela névoa cinzenta que engolia os prédios, as ruas e os carros. O homem corria aos tropeções, tentando encontrar o caminho que o levaria ao megaedifício que ainda recolhia refugiados. Vinte e quatro horas haviam se passado desde que aquela fumaça dos infernos tomara conta da megacidade Rio-Aires. Vinte e quatro horas e o mundo ordenado e seguro que ele conhecia transformou-se em caos.

Enquanto as transmissões insistiam que a população mantivesse a calma, o exato oposto aconteceu. Saques, brigas, o terror nublando o julgamento. Boatos de que a névoa havia tomado o mundo todo, que as pessoas estavam se sufocando com o gás cinzento que encobria o céu.

O homem não se sentia sufocado, não ainda, mas um ardume estranho começou a se alastrar por seu peito, como se a pele queimasse. Os olhos também lagrimavam sem parar, e ele já não sabia dizer se aquilo era efeito da fumaça ou do medo.

Se o ar estivesse mesmo envenenado, sua única esperança seria chegar aos andares mais altos de algum megaedifício ou arranha-céu, onde diziam que a névoa não alcançava. Sozinho, ele tentava evitar a confusão de pessoas que tomava as ruas. Muitas saíram com o mesmo pensamento, encontrar uma forma de subir. Outras, só queriam gritar por ajuda. Ele viu mulheres chorando

copiosamente, famílias de mãos dadas sem saber o que fazer, crianças perdidas chamarem pelos pais. Não parou para ajudar nenhum deles.

Ao dobrar uma esquina, encontrou um amontoado de gente em frente ao megaedifício onde pretendia entrar. As portas de vidro estavam fechadas. Protegendo-as, cinco seguranças com armas em riste. Quando alguém tentava furar o bloqueio, levava empurrões, coronhadas e ameaças de tiro. Por enquanto, a intimidação funcionava, mas a cada instante mais pessoas se juntavam à turba, querendo subir.

O homem se espremeu entre a massa, tentando chegar o mais próximo possível dos seguranças. O cheiro azedo do suor chegou às narinas e revirou o estômago. Ele empurrou e até trocou alguns socos para chegar na primeira fila. Estava com o lábio inferior partido quando se deparou com o cano da pistola apontado diretamente para sua cabeça.

— Fique quietinho aí, *compañero* — o segurança ameaçou. — Nem mais um passo, ou leva bala.

O homem engoliu em seco, mas não recuou. Ficar dentro da névoa não era uma opção. Se num único dia a situação já se encontrava daquele jeito, com pessoas saindo às ruas e pregando o fim do mundo, a tendência era só piorar. Além disso, os boatos dos efeitos da névoa o assustavam demais. Seu apartamento pertencia a um prédio mais baixo, construção antiga que foi engolida pela neblina, não queria ficar ali e acabar morrendo envenenado. Tinha que subir, sair daquelas brumas cinzentas de qualquer jeito. Cerrou os punhos, pronto para um inevitável embate.

— Você não pode nos deixar aqui fora! — gritou. — Por favor, tem gente sufocando com a névoa. É perigoso.

— Ninguém sufocou! As transmissões não falaram nada disso — o segurança atalhou depressa, trocando olhares nervosos com seus outros companheiros. Nenhum deles usava máscaras de gás. Se a névoa fizesse mal à saúde, estavam tão condenados quanto as pessoas que intimidavam. — Pare de contar mentiras. Este M-E — já usavam a sigla para megaedifício, naquele tempo — é propriedade particular, nenhum de vocês está autorizado a entrar.

Uma chuva de insultos se abateu sobre os seguranças. As pessoas na parte

de trás começaram a empurrar as que estavam na frente, causando um alvoroço sem tamanho. O homem acabou caindo de joelhos e quase foi esmagado pelos outros dois que estavam grudados às suas costas. A intenção da multidão era forçar a entrada, não havia dúvidas, mas os tiros ensurdecedores acabaram cessando o ímpeto de resistência. Apontado para cima, o cano da pistola fumegava.

— Fiquem quietos! Vão para suas casas! — o rosto do segurança ficou vermelho com a força de seus gritos.

As pessoas voltaram a recuar. Alguns começaram a murmurar sobre quantos tiros poderiam ser disparados antes que todos os seguranças fossem derrubados, planos de ataque se espalharam. O homem sentiu que uma nova agressão não demoraria a acontecer. O suor que lhe escorria pela testa dificultava ainda mais sua visão já prejudicada. Começou a ver rastros e passou a piscar de maneira frenética, procurando foco. Cada inspiração era um sofrimento, pois parecia que trazia ar fervente para dentro dos pulmões. O ardume estava se tornando insuportável. Levou a mão ao peito, agarrando a camisa molhada.

— Ei! Ele está passando mal! — um gritinho próximo o deixou apavorado. Ergueu a cabeça, pronto para inventar qualquer desculpa, mas percebeu que não era ele o alvo das atenções.

O segurança que havia disparado os tiros encontrava-se curvado para frente, boca aberta num ataque de tosse tão forte que o fez vomitar. Seus companheiros tentavam ajudá-lo, mas o surto só pareceu piorar. As tosses secas deram lugar a tremores no corpo todo. Em questão de segundos, ele estava caído no chão, convulsionando. Um gemido gutural saiu de sua garganta em meio a uma respiração cada vez mais entrecortada. Por fim, parou de se mover por completo. Um fio de baba escorria, os olhos arregalados fitavam o nada. A pistola que antes segurava com tanto afinco agora estava esquecida ao seu lado, sobre a poça de vômito.

— Morto... — um de seus amigos disse com a voz trêmula assim que tomou sua pulsação.

Aquela palavra tão simples foi como uma faísca sobre gasolina. As pessoas se agitaram, o desespero falava mais alto que a ameaça de levar um tiro. Os empurrões recomeçaram e, dessa vez, os quatro seguranças restantes não resistiram

o suficiente. Homens os dominaram, acertando-lhes com socos e desarmando-os. Enquanto isso, pedras, pedaços de ferro e até mesmo punhos nus atingiam as portas do megaedifício.

Quando o vidro quebrou, caindo no chão numa chuva de cacos, a multidão começou a correr ensandecida, empurrando os mais lentos para o lado e pisando em quem estivesse no caminho. Enquanto corria, o homem percebeu que mais e mais pessoas caíam de lado, tomadas pelas mesmas convulsões que mataram o segurança. Os sons de passos logo foram encobertos pelos gritos que antecediam a morte. Aquilo só aumentou seu ímpeto de chegar aos elevadores. Precisava sair daquela névoa. Já!

— *Dios mío. Dios mío. Dios mío* — ele repetia sem parar, saltando por corpos, vendo gente ao seu lado se contorcer, como se tivessem levado um choque inesperado. Só podia rezar para que sua hora ainda não chegasse. Estava tão perto. Tão perto.

Foi o único a alcançar os elevadores com vida. Depois de tantos gritos, agora um silêncio sepulcral tomava o ambiente nevoento. A névoa era menos intensa no interior do M-E, mesmo assim avançava, faminta. Apressado, ele colou o dedo indicador no cristal condutor que chamaria os ascensores, acendendo uma luz amarelada como sinal de que eles estavam a caminho. Batia o pé contra o chão liso, contando os segundos que se passavam. A visão só fez piorar, agora tomada por um borrado que escondia as formas mais distantes. Nervoso, o homem passou as mãos pelos cabelos molhados. Ficou chocado quando percebeu que tufo volumosos se soltaram de sua cabeça com aquele simples movimento. Repetiu o gesto algumas vezes, até que a parte lateral ficasse completamente careca.

— Anda! — soltou um gemido desconsolado e voltou a apertar o botão do *display*, dando socos nas portas metálicas que o separavam de sua pretensa salvação. No indicador visual, viu que um dos elevadores se encontrava no centésimo andar. Faltava pouco.

Entretanto, aqueles minutos restantes eram muito tempo para o pobre homem. Pontadas intensas atingiram seu coração, fazendo-o se curvar para frente e cair de joelhos. Apertou os olhos com força, sentindo como se garras afiadas

estivessem tentando rasgar o seu peito de dentro para fora. Um grito escapou. Estava perdido, sem chances de fugir da névoa. A dor foi tamanha que vomitou. Quando abriu as pálpebras outra vez, viu o que restou do seu café da manhã misturado com uma gosma esverdeada bastante nojenta. Aquela simples visão fez seu estômago dar um nó. Se ainda tivesse algo a expelir, com certeza o teria feito naquele momento.

Apoiou as mãos no chão, tentando encontrar forças para se levantar. Foi aí que viu que suas veias tinham triplicado de tamanho, parecendo-se mais com caminhos inchados e nodosos. Elas se espalhavam por toda a extensão de seus braços, emitindo uma fraca luz azulada.

Ele agarrou a camisa, abrindo-a num único puxão. O ar lhe faltou quando viu o mesmo caminho venoso por seu tórax e abdômen. Seu corpo todo estava tomado. A dor piorou e a queimação no peito se espalhou com velocidade impressionante. Era como se chamas o cobrissem por completo. Caiu de lado, incapaz de vencer aquela transformação. Os olhos arregalados foram perdendo a cor, tornando-se opacos. Seus lamentos diminuíram de volume até se calarem para sempre.

Quando o apito do elevador tomou o saguão e as portas metálicas se abriram, revelando um interior já repleto de cadáveres, não havia mais ninguém que se interessasse em entrar.